

Ciclo das Doze Tradições - outubro 2003 - Leopoldina – MG

" PRIMEIRA TRADIÇÃO "

Luiz Augusto - Ubá – MG

"Nosso bem estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de A. A.".

No dicionário encontramos o significado de Unidade como sendo a qualidade do que é um ou único, qualidade daquilo que não pode ser dividido; homogeneidade, igualdade, identidade, uniformidade, etc.

A Primeira Tradição coloca a Unidade como condição básica para a sobrevivência de A. A., e nós acreditamos que sem estarmos unidos em torno de um único propósito haverá dispersão, discórdia, dissolução e, por fim, a morte do indivíduo e do Grupo.

Dentro de um Grupo, nos submetemos a sugestões e princípios espirituais, para podermos nos recuperar do alcoolismo e crescermos. Se nos afastamos desses princípios espirituais e sugestões, estaremos enfraquecendo e arriscando-nos a enfraquecer e morrer.

É provável que nenhuma sociedade valorize tanto o bem-estar pessoal de seus membros como faz o A. A., e há muito tempo aprendemos que esse deve vir em primeiro lugar, sem isto, o bem-estar pessoal seria muito pouco. Na verdade, não há outra irmandade que dispense mais carinhosa a atenção a seus membros.

Assim, Os Doze Passos são apenas sugestões, As Doze Tradições contém apenas os verbos "devemos" e "deve". Nenhuma delas contém "não faça", "você tem que".

A Tradição diz que a Unidade entre os alcoólicos é a jóia mais preciosa que nossa irmandade possui. Unidade é saber conviver com a palavra nós, ao contrário do que diz o dicionário supracitado. De nós depende a vida de cada um. Somos filhos de Deus e somos iguais perante Ele. Não existe inimizade, ódio, desamor, injúria, ambição de poder entre os membros de A. A.; estes sentimentos levam os Grupos a fecharem suas portas. A luta pela riqueza, pelo poder e pelo prestígio, não devem nos destruir. A chave da Unidade é uma consciência bem informada.

Nos aceitar como somos, é trazer para a realidade as palavras de Jesus Cristo. "Amarás seu próximo como a ti mesmo". Hoje estamos sobrevivendo e participando de uma comunidade de iguais no mundo. "Os ex-bêbados", nossa identificação é esta crua realidade. Como tudo no universo, somos independentes do afeto de outros seres, vivemos com pele e coração, feitos pelo amor de muita gente. De alguma forma, somos o resultado total de sentimentos próprios e alheios. Unidade devem ser uma rocha e forte, não podem existir barreiras. A posteriori, ao longo dos anos, serviu-nos para forjarmos a estrutura da nossa irmandade que prioriza a nossa maneira de viver e trabalhar em conjunto, na busca de paz e de harmonia, independentemente do mundo conturbado que existe a nossa volta.

UM FEIXE DE VARAS:

Da mesma forma que, em nossas vidas, individualmente dependemos da Unidade de propósitos, em nossos Grupos dependemos da Unidade e harmonia de A.A. no seu todo.

É através do compartilhar de experiências, ouvindo com mente aberta e falando com o coração, que assimilamos o que de bom emana de A. A.. Se o Grupo se afastar das Tradições, ficará debilitado e também sujeito a morrer. Se o Grupo não estiver em harmonia e integrado com os demais, pelos princípios e finalidade de A. A., contidos em suas Tradições estará indefeso frente às situações e problemas que o nosso crescimento acarreta. Por isso, a melhor maneira de viver e trabalhar em Grupo tornou-se a questão primordial.

Na medida em que aumenta o número de células de A. A., surge o perigo do isolamento entre nós. Se não mantivermos nossos Grupos em contato permanente, compartilhando suas experiências, os laços que nos unem estarão enfraquecidos.

Estas células estarão vulneráveis a acontecimentos desastrosos à nossa sobrevivência como Grupos e como membros de A. A..

A nossa Unidade estará assegurada quando deixarmos do lado de fora das salas de A. A. nossos desejos exacerbados e unirmos em torno de nosso único propósito primordial que é o de mantermo-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a se recuperarem do alcoolismo. Convém lembrar que um feixe de varas é difícil de ser quebrado, mas extremamente fácil quebrar suas varas, uma a uma, isoladamente, e como membros de A. A., sabemos bem que a união faz a força.

* Ciclo das Doze Tradições - outubro 2003 - Leopoldina – MG

" SEGUNDA TRADIÇÃO "

Figueiredo – Cataguases - MG

"Somente uma autoridade preside, em última análise, ao nosso propósito comum - um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência

coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar."

Devemos saber como encontrar essa consciência coletiva. Decisões que possam influir no funcionamento de um Grupo, no direcionamento de suas reuniões e, principalmente, no serviço decorrente do cumprimento da Quinta Tradição de A.A., devem sempre ser tomadas através da consulta da consciência do Grupo. Essa consciência, comumente é mal entendida ou mesmo propositadamente mal alcançada.

A consciência coletiva somente é obtida quando a decisão decorre de uma ampla discussão, com a presença de um número satisfatório ou significativo dos membros que compõem o Grupo. Um Grupo de A. A. não é composto por um espaço físico, uma sala ou um prédio. Um Grupo de A. A. é composto por pessoas. Sempre poderemos saber quais companheiros frequentam com relativa regularidade as nossas reuniões, respondem pelos serviços e pelas obrigações que assumimos, e que participam da obtenção da autossuficiência. Esses são os membros ativos do Grupo, que deveriam estar presentes a todas as discussões, quando uma decisão importante tivesse que ser tomada. A eles se deveriam garantir sempre o direito de manifestação e, se silenciassem, deveriam ser solicitados a se manifestarem.

Somente após esse amplo debate é que a consulta, pelo voto, deveria ser feita. Uma simples maioria jamais representaria uma vontade do Grupo. A consciência coletiva só se manifesta quando uma expressiva maioria se pronuncia, após exaustivo debate.

Muitos membros antigos ainda não acreditam nesta proposição. São os chamados "velhos resmungões", que acreditam que o Grupo não pode sobreviver sem eles e que as suas opiniões devem ser seguidas. Alguns se transformam em "velhos mentores", que vêem a sabedoria das decisões do Grupo e não se sentem diminuídos e sim gratificados, pois sua experiência sempre é aproveitada pelo Grupo.

Que o Poder Superior abra a nossa mente para entendermos que só a consciência coletiva, com conhecimento de causa, pode ser a única autoridade final em todos os assuntos de Alcoólicos Anônimos.

* Ciclo das Doze Tradições - outubro de 2003 - Leopoldina – MG

" TERCEIRA TRADIÇÃO "

Inácio - Juiz de Fora- MG

"Para ser membro de A. A. o único requisito é o desejo de parar de beber"

Ainda estão bem vivas em minha lembrança, as lágrimas bebidas junto com a bebida alcoólica. Lágrimas derramada num momento de desespero, de dor e muitas promessas sinceras de não mais voltar a ingerir bebida alcoólica. Trago marcas no meu interior causadas pelo meu alcoolismo, por minhas atitudes insanas - agressão à minha mãe, por exemplo - como também em meu corpo, bem visíveis para os meus olhos, principalmente para minha mente, as marcas das três tentativas de suicídio. Os meus últimos beber eram um beber desesperado e, por isso mesmo, um não querer mais beber. Mas não sabia como evitar o primeiro gole, apesar de várias tentativas. Mesmo sem conseguir, eu era a expressão sofrida da Terceira Tradição de A. A., Irmandade que não conhecia e, logicamente, nada sabia dos seus Princípios Filosóficos, principalmente dos Doze Passos – base para a recuperação do alcoólatra.

No dia 16 de fevereiro de 1996 - uma tarde de sexta-feira de carnaval, procuro socorro em Alcoólicos Anônimos, através do Grupo Reunidos - Juiz de Fora MG, sendo atendido por G, meu padrinho. Ouvindo o meu desabafo, não precisando me perguntar se eu queria parar de beber - era claro o meu propósito, aconselhou-me a assistir as reuniões e a me entregar ao programa de

recuperação

- Os Doze Passos. Fui recebido efusivamente pelos companheiros: "Foi bom você ter vindo, melhor se ficar conosco; você é a pessoa mais importante desta sala". Não quiseram saber sobre o meu passado, minha personalidade e nem o que fiz ou deixei de fazer. Simplesmente me aceitaram no afã de me ajudar, fazendo chegar a mim a mensagem de A. A. - Décimo Segundo Passo e Quinta Tradição.

Mas nem sempre foi assim. O medo, o preconceito, o estigma e o basear-se no alcoolismo puro - sem outras complicações e na Quarta Tradição - mal entendida e, portanto, mal aplicada, fez com que Grupos, nos Estados Unidos da América, até a década de 40, rejeitassem alcoólatras negros, homossexuais, mendigos, prostitutas, ex-presidiários, usuários de outras drogas, agnósticos, ateus e até mesmo aqueles que ousassem periodicamente recair.

As Doze Tradições foram formuladas e publicadas em 1946 - só sendo aceita em 03 de julho 1955, na 1ª Convenção Internacional de A. A., em St. Louis. Ao se basear na Quarta Tradição para rejeitar os alcoólatras "não puros", esses Grupos esqueceram que a autonomia de um Grupo não poderia atingir outros Grupos e, principalmente, A. A. no seu conjunto. Por outro lado esqueceram que o "propósito primordial de um Grupo é o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre" - Quinta Tradição. O mais importante, é que eles esqueceram que

Alcoólico Anônimo se baseia nos princípios da Fraternidade e da igualdade entre os seres humanos - feitos à imagem e semelhança de Deus. Bill W. chegou a dizer: "engraçado, um alcoólatra julgando outro".

Muitas histórias ilustram a rejeição e a prática da Terceira Tradição. A de Ed, um agnóstico que acabou aceitando Deus; a de Jim S, um médico negro que fundou o 1º Grupo de A. A. para negros; e o célebre caso ocorrido em 1945, quando Barry em nome de seu Grupo, ligou preocupado para Bill W. a lhe relatar a situação vivida por eles ante ao pedindo de socorro de um alcoólatra negro, pobre, maquiado com cabelos pintados de louro, ex-presidiário e, como desgraça pouca é bobagem, usuário de outras drogas. Bill W. após ouvir o relato de Barry lhe perguntou se o homem tinha problema com a bebida alcoólica. Ao ouvir a confirmação, Bill W. disse: "Bom, acho que isto é tudo que podemos

exigir". Foi esse alcoólatra, com toda essa impureza, quem sedimentou, nos corações dos alcoólatras "puros" de então, a verdadeira essência da Terceira Tradição - fazer o bem sem olhar a quem; principalmente quando necessitamos praticar esse bem para a nossa recuperação em busca da nossa sobriedade.

Nos dias de hoje, ainda há rejeição - velada, às vezes nem tanto, por parte de alguns membros a A. A. homossexuais, prostitutas, cidadãos de rua, usuários de outras drogas, ex-presidiários, sem cultura e, pasmem, até mesmos para aqueles que têm dificuldade em se manterem sóbrios - os recaídos. Isto sem falar no velado preconceito racial. Ou sejam: admitem esses alcoólatras em seus Grupos, mas não os aceitam em seus corações. Talvez por elitismo, talvez por se julgarem as melhores pessoas do mundo; talvez por não terem entendido os Princípios Filosóficos de Alcoólicos Anônimos ou, quem sabe: ainda não alcançaram o Despertar Espiritual (Décimo Segundo Passo). O mais importante: esqueceram que vieram do próprio Fundo de Poço, antes de ingressarem em Alcoólicos Anônimos. Mais: esqueceram que muito desses rejeitados foram alguns dos que os ajudaram quando pediram socorro à A. A.

A Terceira Tradição nos leva a meditar sobre o verdadeiro sentimento de Fraternidade, conforme ensinamento do Poder Superior; nos levando a pensar sobre preconceitos, estigmatização de pessoas e hipocrisia (Quarto Passo).

Eis a essência da Terceira Tradição de Alcoólicos Anônimos:

Eu sou responsável.

Quando qualquer um, seja onde for, estender a mão pedindo ajuda, quero que a mão de A. A. esteja sempre ali. E por isso: Eu sou responsável.

*Ciclo das Doze Tradições - outubro de 2003 - Leopoldina – MG

" QUARTA TRADIÇÃO "

Elton Felipe - Juiz de Fora - MG

"Cada grupo deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros grupos ou a Alcoólicos Anônimos em seu conjunto."

Boa tarde, companheiros. Meu nome é Elton, sou um alcoólatra e hoje não bebi, graças a vocês. Agradeço também a Deus a oportunidade de participar de mais um evento de A. A.

Quando ingressei, tudo era novidade pra mim. O modo de vida de A. A., contido nos Três Legados, à primeira vista, não tinha sido escrito para pessoas como eu. Logo comecei a frequentar outros Grupos e pude perceber que havia diferenças entre eles, mas estas diferenças não me fizeram sentir fora de A. A.; muito pelo contrário, em todos os Grupos me senti em casa.

Quando comprei o livro As Doze Tradições e comecei a ler, fui descobrindo a grandiosidade desta Irmandade. Também me ajudaram muito as reuniões temáticas, como ouvinte e até mesmo como expositor. E cada vez que eu procurava entender o que estava escrito e vivenciar o que havia aprendido, mais eu me tornava A. A.

A diferença que existe entre os Grupos é assegurada pela Quarta Tradição, O Grupo é autônomo, tem a liberdade de tomar as suas próprias decisões, desde que estas decisões não afetem a outros Grupos ou a A. A. como um todo. O Grupo decide sem dar conta a ninguém. Para que um Grupo não interfira em outros Grupos é necessário que as Tradições sejam respeitadas.

Autonomia e liberdade do Grupo são notadas em inúmeros exemplos, como: quem decide sobre os horários das reuniões? Não existe qualquer imposição sobre horários mais convenientes para os Grupos. Qual o melhor dia? É o Grupo que decide; não há regulamentos. O uso ou não de fichas, faz parte da autonomia dos Grupos; eles adotam ou não. Não existe regra alguma, até mesmo para o tempo do depoimento. Muitos usam os dez minutos apenas como referência. É o Grupo que escolhe qual o tipo de reunião, podendo se orientar nas sugestões contidas no

livreto O Grupo de A. A.

Esta liberdade é mal compreendida por muitos Grupos, quando estes confundem autonomia com independência. As Tradições foram forjadas às custas de acertos e erros de movimentos anteriores e até mesmo dos primeiros Grupos ou salas de reuniões. Com o tempo, iam sendo moldadas de acordo com o propósito da Irmandade. Ainda tenho dúvidas de que qualquer Grupo seja capaz de resistir a todo tipo de golpes, pois como está escrito na Nona Tradição, a embriaguez e desintegração do membro não são penalidades impostas por pessoas com autoridade e sim, resultam da desobediência a princípios espirituais. Tal peso também recai sobre o Grupo, peio mesmo motivo.

Mas se tratando de liberdade, estamos dando aos outros Grupos o direito de errar na mesma proporção que gostaríamos de receber?

* Ciclo das Doze Tradições - outubro de 2003 – Leopoldina – MG

" QUINTA TRADIÇÃO "

Dario - Muriaé - MG

"Cada grupo é animado de um único propósito primordial - o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre."

Todo recém-chegado aprende (alguns a duras penas) que a questão de permanecer sóbrio ser da máxima prioridade. Se falharmos nisto, não teremos êxito em mais nada. A Quinta Tradição nos diz que os grupos devem lembrar-se de seu "único propósito primordial". Muitas vezes, o entusiasmo irrefletido desvia

um grupo de sua trilha principal. Um deles, por exemplo, apresentou um programa de A. A. ampliado, que incluía ajudar os recém-ingressados a encontrar empregos.

A Quinta Tradição não reprova o A. A. individual que informa outro sobre um bom emprego, mas quando o grupo se transforma numa agência de empregos, o recém-chegado pode ficar confuso quanto ao seu propósito primordial. A função de A. A. é de ajudá-lo a adquirir a sobriedade, depois ele próprio poderá procurar emprego.

Usando discricção, um membro pode emprestar algum dinheiro para uma refeição ou pagamento para um quarto de hotel, ou pode até mesmo convidar um alcoólico em dificuldade financeira, a hospedar-se temporariamente em sua casa. Mas o grupo de A. A., como um todo, não é uma agência financeira, nem um departamento de bem-estar social, nem um escritório de imóveis.

Mesmo quando age por conta própria, como membro individual, um A. A. leigo não deve conferir a si próprio um grau honorário de médico e passar diagnósticos, receitas e nem análises amadoras das neuroses de outras pessoas. Exatamente por serem essas falhas pessoais tão comuns, o grupo de A. A. deve, em todas as suas atividades, fazer questão de enfatizar que não está inválido o campo médico. Através das experiências pessoais de seus membros, ele está capacitado para levar apenas uma mensagem: Como pode um alcoólatra recuperar-se em A. A. Isto é tudo.

"Todavia, recentemente um grupo sentiu-se apto para montar um `Centro de informações sobre o Alcoolismo". A tentação é compreensível; era ainda mais forte no tempo em que esta Tradição foi escrita, porque a ignorância do público a respeito do alcoolismo como doença, era maior do que é agora. Desde então, outras organizações têm surgido para assumir o encargo de educar o público em geral a respeito do alcoolismo. Tal não é o objetivo do A. A., mas estas organizações também estão tentando ajudar o alcoólatra ativo. São nossos amigos.

A Sexta Tradição define os limites de afinidade.

Por mais variados que sejam os nossos interesses pessoais, une-nos uma RESPONSABILIDADE comum: a de "levar a mensagem ao alcoólatra que ainda sofre".

Eu sou responsável. Quando qualquer um, seja onde for, estender a mão pedindo ajuda, quero que a mão de A. A. esteja sempre ali. E para isto: eu sou responsável.

* Ciclo das Doze Tradições - outubro - Leopoldina – MG

" SEXTA TRADIÇÃO "

Alencar - Belo Horizonte - MG

"Nenhum grupo de A. A. deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de A. A. a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem do nosso objetivo primordial."

Na minha visão, a Sexta Tradição é mais um dos suportes do nosso Segundo Legado.

No livro A. A. Atinge a Maioridade vamos encontrar na sua página 87, registrado o seguinte: "... Em consideração ao bem-estar de toda a nossa Irmandade, as Tradições pedem a cada indivíduo, a cada grupo e a cada setor de A. A. que ponham de lado os seus desejos, ambições e ações inconvenientes que possam ocasionar sérias divisões entre nós, ou a perda de confiança que nos deposita o mundo todo".

Quanto à Sexta Tradição propriamente dita, vamos voltar no tempo e

lembrarmos dos nossos primeiros dias como Irmandade.

Antigamente, nossa Fundação (hoje, Junta de Serviços Gerais) tinha o direito de fazer tudo, exceto tomar partido na legislação sobre a Lei Seca (experiência aproveitada dos Grupos Washingtonianos) e podia, também, entrar no campo da educação e da pesquisa e, com esta abertura, tornamo-nos grandes sonhadores.

Eis alguns sonhos dos nossos membros AAs pioneiros:

- Construir uma cadeia de hospitais, somente para os AAs - (os hospitais não nos aceitavam, e então pensaram que poderiam construir e fazer funcionar nossos próprios hospitais).

- Informar às pessoas sobre o que era o alcoolismo - (pensavam que poderiam educar o público, e talvez reescrever alguns textos de livros médicos ou didáticos).

- Recolher os marginalizados, em dois grupos: grupo A - escolheriam aqueles que pudessem ser recuperados; grupo B - os restantes, ou seja, àqueles que, na opinião deles, não pudessem ser recuperados, iriam possibilitar que ganhassem a vida em confinamento.

- Levar o A. A. até aos dependentes de outras drogas, e da criminalidade.

- Julgavam que o A. A. era a ponta de lança de um novo avanço espiritual, e que os nossos Princípios poderiam transformar o mundo.

Sim, companheiros, estes eram os principais sonhos dos nossos membros pioneiros, o que era muito natural, uma vez que, em sua maioria, os alcoólicos são idealistas falidos, e têm seus modelos moldados na fantasia e no irreal.

Características do alcoólico

- Deseja sempre fazer coisas boas, mas não as faz.

- Deseja sempre praticar grandes atos, alimentando a sua mania de grandeza.
- Deseja sempre levar à frente grandes idéias, e quase sempre fracassa.
- Tem a mania de perfeccionismo. (ao falhar na busca dessa perfeição, o alcoólico vai ao outro extremo, e se acomoda na garrafa e na teimosia de quem não cede a conselhos ou à razão).

Bem, tentamos ter nossos próprios hospitais e em todas as tentativas eles fracassaram - não se pode pôr um grupo de A. A. em negócios, porque muitos cozinheiros pondo sal na mesma panela, a comida vai sair salgada, ou então sem sal. Na tentativa de construir e fazer funcionar nossos próprios hospitais, surgiram vários problemas, e entre eles podemos citar:

- Altos custos.
- Choque de personalidades (quem seria o mais capacitado?).
- Objeto de controvérsia nos grupos. (quais os membros deveriam ser os preferenciais; quais membros deveriam ter preferência no atendimento, ou na direção; quem deveria ser o responsável pela triagem dos possíveis candidatos, etc.,etc.?).

No campo da educação

No campo da educação, quando começaram publicamente a exaltar os méritos deste ou daquele ramo da educação, as pessoas ficaram muito confusas, e perguntavam a si mesmas:

- O A. A. cuida de bêbados, ou é um projeto educacional?
- O A. A. é uma entidade médica, ou espiritual?
- O A. A. é um movimento reformador?

Desalentados, os AAs daquela época, se viram envolvidos em todos os tipos de empreendimentos, alguns bons e outros não tão bons assim.

Alguns acontecimentos daquela época :

Os membros de A. A. daquela época, quando presenciavam doentes alcoólicos serem levados à força, para as prisões ou manicômios clamavam por uma lei que os protegessem. Na presença de público alguns A. As batiam nas mesas dos legisladores e faziam agitações em busca de uma reforma legal. O comportamento desses A. As levou repórteres a publicarem em seus jornais estes fatos, os quais não traziam nenhum resultado positivo para a Irmandade.

Os A. As mais moderados logo perceberam que daquele modo, logo estariam envolvidos com a política. Perceberam também que A. A. deveria tirar o seu nome das casas de Décimo Segundo Passo, e também dos Clubes, chegando a uma conclusão lógica e coerente - Alcoólicos Anônimos não poderia ser todas as coisas para todos os homens, e nem deveria tentar ser, porque no momento em que emprestamos o nome de A. A. para qualquer empreendimento fora da Irmandade de A.A., entramos em dificuldades e, muitas vezes, em sérias dificuldades.

Lei Seca

Uma firma de comércio de bebidas, certa vez, quis contratar um membro de A. A. como educador. O propósito da firma era ensinar às pessoas que beber em excesso era prejudicial para todos, e que os doentes alcoólicos em geral, não poderiam beber nada. Até aí, tudo bem. Mas queriam também que, em toda a publicidade da firma, fosse salientado o fato de que o seu educador, Senhor Fulano de Tal, era um membro de Alcoólicos Anônimos.

Isso já era outra coisa. Essa exigência da firma levaria, imediatamente, o público a pensar que Alcoólico Anônimo entrara no campo da educação, através da fábrica de bebidas. Se acontecesse esse fato, a turma que era favorável à Lei Seca,

certamente, contrataria um outro membro de A. A. para propósitos educacionais. Como consequência, um membro de A. A. ensinando a beber, e outro membro de A. A. educando para não beber - o envolvimento de Alcoólicos Anônimos numa controvérsia sem fim. Os membros pioneiros da nossa Irmandade, diante dessas possibilidades, simplesmente concluíram que A. A., não poderia tomar parte na luta entre os "bebedores sociais" e os partidários da "Lei Seca". Concluíram também que não poderíamos fazer negócios com os doentes alcoólicos, como membros de Alcoólicos Anônimos.

Por sua vez, o membro de A. A. que iria ser contratado pela firma de comércio de bebidas foi ao Escritório de Nova Iorque para pedir conselhos. Os servidores do Escritório disseram a esse membro de A. A. que achavam que passar as informações sobre o alcoolismo era uma coisa muito boa; que não só como perito em relações públicas, mas também como um cidadão, ele tinha todo o direito de pegar esse trabalho. Mas, será que ao mesmo tempo, ele poderia revelar a sua afiliação a Alcoólicos Anônimos? (E o anonimato?).

Diante desse argumento, o membro AA entendeu a sutileza da pergunta que lhe fora feita, e respondeu para os servidores do Escritório de Nova Iorque: "Alcoólicos Anônimos salvou a minha vida. Isto está em primeiro lugar. Certamente, eu não seria capaz de colocar Alcoólicos Anônimos em dificuldades e esse trabalho pode levar-me a isso". Com esta experiência, os membros pioneiros de A. A. firmaram esta tese: "Vimos que nunca poderíamos emprestar o nome de A. A. a qualquer causa que não fosse a nossa".

Os meses passaram e aqueles pioneiros de A. A. puderam sentir o que hoje também nós sentimos isto é: que quanto mais o A. A. se preocupar com os seus próprios assuntos, maior será a nossa influência, no âmbito geral. A medicina, a religião e a psiquiatria começaram a fazer uso de algumas das nossas idéias e experiências. Do mesmo modo, agiu a pesquisa, a reabilitação e a educação. Começou, então, a surgir todos os tipos de grupos terapêuticos. Esses grupos terapêuticos se ocupavam com os jogos de azar, divórcio, delinquência, dependência de drogas, alimentação excessiva, etc.,etc.. Esses grupos também tiraram idéias de A. A., mas fizeram as suas próprias adaptações, e atuavam em seus próprios campos de ação e nós, membros de Alcoólicos Anônimos, não

tivemos necessidades de apoiá-los ou de ensiná-los a viver.

* Ciclo das Doze Tradições – outubro de 2003 - Leopoldina – MG

" SÉTIMA TRADIÇÃO "

Domingos - Rio de Janeiro - RJ

"Todos os grupos de A. A. deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora."

Foi preciso também chegar a termos com o problema de dinheiro, que pode fazer muitas coisas boas, mas não existe mal que ele não possa causar. Depois de muitos tropeços, os membros de A. A. despertaram para o fato de que não precisavam de muito dinheiro. Sem as idéias grandiosas, não sobraram muitas coisas para pagar.

A Sétima Tradição é muito clara quando diz que todo grupo de A. A. deve se manter, negando-se a receber contribuições de fora. Nesta Tradição, vemos dois princípios fundamentais: a autossuficiência, sinônimo de independência econômica, e a recusa em receber qualquer doação de pessoa não filiada à Irmandade. As contribuições externas dariam, certamente, o direito aos doadores de se intrometerem nas normas que conduzem a Irmandade. O velho ditado mostra bem esta realidade: "quem paga o músico escolhe a música que vai ser tocada".

A existência de doações levou os custódios da Junta a analisar com profundidade e prudência o problema da aceitação ou não de doações vindas de fora. Escreveram, então, urna página memorável na história de A. A.: declararam que, por princípio, o A. A. deveria permanecer sempre pobre e a norma de procedimento deveria ser a de ter os recursos necessários para as despesas

razoáveis de funcionamento e mais uma reserva prudente.

Com a autossuficiência, desenvolveu-se o princípio da igualdade entre os membros de A. A.. Tanto os companheiros de maior poder aquisitivo, quanto os mais modestos, do ponto de vista econômico, podem exercer qualquer encargo. E isso porque todos contribuem, de forma anônima, de modo que os compromissos e as despesas podem ser pagas. Ainda mais, essas contribuições também cobrem os custos relativos à presença de representantes do grupo junto aos órgãos de serviço, independentemente de esses representantes terem ou não condições econômicas para arcar com os custos ligados à atividade que exercem. De outra forma, somente os que tivessem maior poder aquisitivo poderiam arcar com os ônus de movimentação, hospedagem, etc., ligadas a muitas atividades desenvolvidas pelo todo da Irmandade. Deste modo, ela se tornou ainda mais democrática.

Até mesmo estando desempregado, um membro do grupo poderá assumir os encargos da Irmandade, pois as suas despesas em serviço serão custeadas pelo dinheiro de todos os membros que generosamente fazem doações. Oferecem, com gratidão, o seu tempo e também os recursos para que a Irmandade possa se manter em ação.

O A. A. não tem dono nem protetores. Ninguém poderia querer assumir individualmente a responsabilidade e os custos ligados às atividades de A. A.. Todos os seus membros são igualmente responsáveis, e a eles cabe assumir os custos e mostrar que espírito e matéria podem andar juntos, oferecendo o suporte financeiro para o desenvolvimento espiritual dos companheiros de A. A.. Somos materialistas quando usamos os nossos recursos materiais egoisticamente, apenas para nós mesmos, mas quanto os usamos em benefício de outros, então o material ajuda o espiritual. O dinheiro e a espiritualidade são os fundamentos da Sétima Tradição.

A autossuficiência decorre do desenvolvimento entre os membros da Irmandade, do senso de responsabilidade que, por sua vez, é o resultado do

processo de recuperação que leva à maturidade emocional. Bill W. afirmou que "Felizmente, as despesas de A. A. por pessoa são pequenas. Deixarmos de atendê-las seria fugir a uma responsabilidade que nos beneficia".

É interessante observar que toda contribuição colocada em sacola é uma contribuição para Alcoólicos Anônimos, como um todo. Considerando que a Irmandade é mundial, a ela é feita a doação. Esse ponto é fundamental. O grupo retira da sacola os recursos necessários à sua subsistência e ao atendimento das suas necessidades e ainda uma parcela para formar a reserva prudente, tida como um fundo suficiente para assegurar o funcionamento do grupo por três meses. O que sobra deve ser passado para os órgãos de serviços. É como o sangue que o coração bombeia e que deve chegar a todas as células que formam o corpo. Como o sangue, esses recursos são essenciais para que os serviços da Irmandade, como um todo, sejam mantidos e eles, pelo seu lado, são indispensáveis para que se possa levar a mensagem aos que ainda sofrem.

Por vezes, esse aspecto não é bem entendido e alguns grupos tendem a entesourar com todos os males que decorrem da existência de um excesso de dinheiro. Em muitos casos, não havendo o controle adequado e previsto, submete-se o tesoureiro a uma forte tentação que poderá em alguns casos, se tornar irresistível. Outra tendência é a de criar despesas desnecessárias e adquirir bens não necessários para gastar o dinheiro disponível e isso enquanto que, nós sabemos, algumas estruturas de serviço passam por dificuldades muito grandes para manter as suas atividades. Aparecem até festas comemorativas e churrascos feitos com os recursos colocados nas sacolas. Para muitos companheiros de grupos isso é tido como muito natural. Parece o que se chama no mundo exterior ao A. A. de "vaquinha". Mas, contribuição em sacola não é "vaquinha" para coisa alguma. É coisa séria e tem destinação nobre e pelo bom exemplo da sua aplicação, concorre para que os membros dos grupos cheguem a um nível mais elevado de recuperação.

Acresce ainda que são muito danosos os desvios de recursos que, vez por outra, observamos. Geram descrédito, criam uma situação de desânimo, colocam em dúvida os processos de seleção de servidores para encargos de

confiança.

Fazem baixar as contribuições, colocando grupos e órgãos de serviço em condições precárias de funcionamento. Acresce, ainda, que o conhecimento de um fato de tal gravidade dificulta a atração e a recuperação dos recém-chegados. Tudo é contrário ao objetivo primordial dos grupos.

Julguei oportuno fazer a observação acerca do destino das contribuições feitas na sacola, porque já vivenciei situações desconfortáveis e constrangedoras, além de me sentir muito mal quando tenho conhecimento de fatos como esses que ocorreram em outros grupos. Por outro lado, há grupo com recursos e que, podendo alugar salas para as suas reuniões, permanecem vivendo à custa de favores ou pagando quantias simbólicas pela ocupação de salas.

Gostaria de ressaltar que a contribuição na sacola é um ato de responsabilidade. Dizer que sou responsável é importante, mas a importância aumenta quando o dizer é acompanhado de um ato pessoal. É botar a mão no bolso e retirar dele uma contribuição e colocá-la, como ato de responsabilidade, dentro da sacola. Quantas vezes fomos chamadas de irresponsáveis? Talvez seja o atributo que mais destacam quando nos querem atacar sem considerar que somos, antes de tudo, pessoas doentes. Mas o ato da contribuição na sacola é muito importante porque desenvolve nos membros dos grupos a ideia de responsabilidade.

Passamos a ser responsáveis, ou seja, capazes de responder. Ter força para responder ao que à nossa volta acontece. Estar à altura, sentir-se capaz, ganhar auto estima. É lastimável que um ato tão nobre e de tão grande poder de crescimento espiritual por parte de quem o pratica, por falta do devido entendimento, acabe se transformando em "vaquinha" para coisas que não são próprias dos grupos ou que acabem por degradar a recuperação de companheiros que foram selecionados para encargos, sem ter ainda a maturidade necessária para o seu exercício.

" OITAVA TRADIÇÃO "

Claudio - Muriaé - MG

"Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar funcionários especializados."

Espiritual como é, o A. A. continua muito deste mundo. A Oitava Tradição, como a Sétima, focaliza uma palavra comum de oito letras que, na realidade, não é mencionada em nenhuma das duas: dinheiro. Muitos de nós tivemos de explicar a algum interessado cínico que só acredita nos valores materiais:

"Não. Não sou assistente social, estou fazendo isto porque é a melhor maneira de eu mesmo permanecer sóbrio. Isto, naturalmente, não significa que a idéia de se tornar profissional nunca tenha passado pela cabeça de qualquer A. A.. Nos anos magros, Bill W. chegou a pensar em se tornar um terapeuta leigo, para ganhar dinheiro através de sua experiência em ajudar alcoólatra. Mas, com uma forte cutucada da consciência do grupo percebeu logo que nunca poderia dependurar um letreiro com esses dizeres: "Bill W: terapeuta de A. A.. CR\$ 200,00 a hora!". Ficou claro, para os primeiros membros, que nenhum AA jamais deveria pedir ou aceitar pagamento por "levar esta mensagem a outra pessoa, pessoalmente, frente a frente."

Mas novas questões surgiram quando o numero de membros aumentou e a mensagem de esperança se espalhou, levando milhares de alcoólatras a procura do A. A.. Os primeiros escritórios Intergrupais ou centrais geralmente eram cuidados por A. As voluntários; agora, a maioria desses escritórios esta de tal modo assoberbado, que se precisa de empregados em regime de tempo integral. Os A. As estão, naturalmente, mais aptos para tais tarefas do que os não membros.

Mas então estes A. As estão sendo pagos para executar trabalhos do Décimo Segundo Passo? Não. No escritório, eles estão apenas preparando o caminho

para este trabalho. Arranjando a internamento de um ébrio doente, dizendo a um tremulo recém-chegado a encontrar a reunião mais perto naquela noite, eles estão ajudando esses alcoólatras a receber a mensagem "pessoalmente e frente a frente". Um desenvolvimento semelhante ocorreu na "matriz" da irmandade de um exíguo escritório para o co fundador (Bill) e uma secretária, ela cresceu e transformou-se no atual Escritório de Serviços Gerais norte americano, com um quadro pessoal completo, e uma grande sala de correspondência, mantendo abertas as linhas de comunicação com o A. A. no mundo inteiro. Os empregados, tanto os A. As como as não -alcoólatras, são pagos numa escala comparável aquelas das empresas que visam a lucros, de modo que o pessoal do escritório possa trabalhar

profissionalmente e os A. As componentes do quadro de pessoal estão exatamente na mesma posição dos A. As empregados nas intergrupais. Num dia que você estiver em São Paulo, suponhamos que você apareça no ESG.

Um funcionário que para a seu trabalho, a fim de conversar com você, poderá, estar trabalhando na Conferencia do próximo ano, ou correspondendo com grupos de sua Área, ajudando-os a levar a mensagem de modo mais eficiente.

Para isto, ele é pago no fim do mês. Mas, você poderá ouvi-lo dizer a outro funcionário que ira levar um novato para o seu grupo, naquela noite, e para isto ele é pago com a continuação de sua sobriedade. Nestas tarefas de escritório e outras atribuições, os membros, na realidade, são pagos pelos seus serviços e habilidades profissionais. Trabalhando a mesa do Escritório de Serviços Gerais, em livros e livretes aprovados peia Conferencia, ou na publicação do Boletim Nacional, estes A. As usam as suas habilidades como correspondentes, gerentes, escritores, editores, artistas e revisores, bem coma o seu conhecimento do A. A. internamente. Às vezes, voluntários tem oferecido tempo a talento para todos esses serviços, e suas contribuições são muito apreciadas. Mas o que aconteceria se a Irmandade decidisse que todas as atribuições deste tipo tivessem de ser executadas somente por voluntários não remunerados?

Atualmente, em A. A. existe um bom volume de trabalho para ser feito nas horas vagas, aqui e ali, e apenas os ricos ou aposentados teriam condições de trabalhar em regime de tempo integral. Se tentássemos encontrar, nesse grupo limitado, pessoas aptas para tarefas especiais, obviamente a campo

estreitaria na malária das vezes, até não sobrar absolutamente ninguém.

Haveria outro problema no emprego de voluntários apenas: parece ingratidão, ou, pelo menos, é indelicado, criticar ou rejeitar um serviço feito de graça. Mas, serviços para o A. A. que são pagos, passam por um exame muito rigoroso. Consideramos nossa literatura, por exemplo. Qualquer que seja o assunto, queremos estar certos de que cada trecho expresse tão claramente, quanto possível, o ponto de vista da consciência de grupo do A. A. como um todo. Assim, qualquer projeto novo deve, primeiramente, ser aprovado pela Conferência.

Uma vez em andamento este projeto, o Comitê de Literatura da Junta de Serviços Gerais fica com a atenção voltada para ele, em todas as suas fases. Muitas vezes, mudanças drásticas são exigidas. O produto "acabado" então deve receber o visto tanto daquele Comitê como do Comitê de literatura da Conferência, e outras revisões são muitas vezes necessárias. "Espere aí" – algum veterano poderá interromper. "O que está havendo aqui? O Dr. Bob não disse: "Conservemos isto simples"?".

* Ciclo das Doze Tradições - outubro de 2003 - Leopoldina – MG

" NONA TRADIÇÃO "

Paulo César - Juiz de Fora - MG

"A. A. jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém, criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços."

Quando conheci o A. A. em 1971, tive a oportunidade, de certa forma privilegiada, de ganhar um livro Alcoólicos Anônimos. Meio que querendo, mas

indeciso (muito mais membro por obrigação, pois naquela ocasião não existiam "visitas" em Grupos de A. A. Tinha que ingressar). Comecei a ler aquele "Best Seller" cheio de regras para os "bebuns" iguais a mim, que em muito não concordava. Até porque não entendia, ou melhor, não dava para entender o que se passava nas reuniões, se no livro explicava de outra forma, principalmente, na obediência e na honestidade que precisávamos ter, se quiséssemos obter sucesso, e o que se notava também é que existia uma grande organização que começava nos Estados Unidos até chegar em Juiz de Fora. Era demais pra mim... Quanto motivo para eu beber não é mesmo! ?

Dez anos depois conheci, verdadeiramente, Alcoólicos Anônimos que, como todo segmento da sociedade, desde a sociedade primeira, a família, necessita de certas obediências para que haja um convívio saudável e harmônico. Também fui verificando que o tal A. A. é uma instituição que funciona dentro de uma estrutura de serviços que começa no Grupo. Mais que uma instituição é uma irmandade onde não há definições que possibilitem o estabelecimento de diferenças conceituais precisas entre Grupo-base e Consciência de Grupo. E a idéia de Grupo-base está ligada, principalmente, à questão do Direito de Participação: Direito de pertencer ao Grupo; Direito de integrar-se aos serviços; Direito de apresentar e discutir idéias, e Direito de votar dentro do Grupo. Esses são direitos que geralmente as pessoas adquirem ao ingressar, ao reingressar ou ao pedir afiliação a um Grupo, o que, por sua vez, o membro torna-se participe da "Consciência Coletiva", a autoridade de Alcoólicos Anônimos, segundo a Tradição Dois.

"Pertencer a um Grupo dá ao membro de A. A. o direito de votar em relação às questões que podem afetar o Grupo e poderiam afetar A. A. como um todo. Um processo que forma a verdadeira pedra angular da Estrutura de Serviço de A. A."

* Livreto O Grupo de A. A., p. 20 e 21.

O crescimento da Irmandade, ao longo dos anos, requereu uma organização compatível (nem mínimo e nem como tal), do contrário se instalaria uma confusão generalizada. Precisamos saber quem faz o quê dentro de A. A., que responsabilidades devem ser compartilhadas e assim por diante. Pois, por

definição, Estrutura nada mais é do que uma organização das partes ou elementos na formação de um todo; seus vínculos e principalmente suas funções. Fica fácil, então, entender a Estrutura básica de Serviços de A. A. - Grupo - Distrito - Setor - Área - Conferência. Os Conceitos tentam apresentar uma estrutura na qual

todos podem trabalhar em prol de bons resultados, com o mínimo de atritos. Esta Nona Tradição, na forma longa diz:

"Cada Grupo de A. A. necessita da menor organização possível. A forma rotativa da liderança é a melhor. O Grupo pode eleger um secretário, o Grupo grande seu comitê rotativo e os Grupos de uma ampla região metropolitana, seu ESL, o qual freqüentemente emprega um secretário em tempo integral. Os Custódios da Junta de Serviços Gerais se constituem, na realidade, em nosso Comitê de Serviços Gerais de A. A. São eles guardiões da nossa Tradição de A. A. e os depositários das contribuições voluntárias dos AAs, através dos quais mantemos

nosso Escritório de Serviços Gerais de Nova Iorque. Eles são autorizados pelos Grupos a cuidar de nossas relações públicas em geral e garantem a integridade de nosso principal órgão de divulgação: a revista de A. A. Grapevine. Todos esses representantes têm suas ações guiadas pelo espírito de serviço, pois os verdadeiros líderes em A. A. são apenas servidores experientes e de confiança da Irmandade. Seus títulos não lhes conferem nenhuma autoridade real e eles não governam. O respeito universal é a chave para sua utilidade".

Já em alguns fragmentos do texto, a Tradição Nove diz:

"Nem a Conferência de Serviços, nem a sua Junta de Serviços Gerais, nem o mais humilde comitê pode determinar uma única norma a qualquer membro da associação e fazer com que tal diretiva prevaleça muito menos impor qualquer tipo de sanção..."

"Está claro agora que jamais devemos nomear juntas que nos governem, mas está igualmente claro que sempre precisaremos dar autorização a trabalhadores para que sirvam".

Com os fundamentos principalmente na Tradição Nove (e Dois), existem os chamados Comitês de Serviços ou Corpo de Serviços do Grupo. São companheiros eleitos para prestarem serviços ao Grupo, para executar as tarefas de rotina, mas não para governar ou ditar regras, é a "Consciência do Grupo" que orienta o comportamento e as atividades principais do Grupo. Orientação e

recomendação parecem ser as palavras mais adequadas para expressar as decisões da "Consciência de Grupo" destinadas ao Comitê de Serviço ou aos membros em geral

do Grupo-base, já que contra as emissões de ordens ou determinações, existem princípios consagrados como o da "não punição" e o do "Direito de Decisão".

A "não punição", que por que por si se explica, é uma garantia de que não caberiam sanções e o "Direito de Decisão", conforme inserido no Terceiro Conceito, é uma espécie de prerrogativa ao servidor, objetivando resguardar sua liberdade de ação em face da "Consciência de Grupo", inclusive diante de eventual austeridade ou equívocos dela. Dessa forma, se os servidores não "governam" o Grupo, fica assegurado que a "Consciência de Grupo", também não deve emitir ordens: uma espécie de proteção recíproca, que aniquila ou mesmo anula a hierarquia em nosso meio. Convém lembrar que no Conceito X diz que: "Quase todas as sociedades e governos, hoje, apresentam sérios desvios do princípio muito sadio de que cada responsabilidade operacional deve ser acompanhada de uma autoridade correspondente para desempenhá-la... Porquanto, isso deve ser sempre definido seja por Tradição, por resolução, por descrição específica de função, ou por atas de constituição e Estatutos adequados".

Em outras palavras: Os encargos devem estar acompanhados das respectivas atribuições, pois a experiência mostra que onde muitos são encarregados de uma tarefa, ou ninguém acaba por fazê-la ou sua execução acaba gerando atritos. Por isso, devemos ter muito cuidado quando criamos Comitês, Comissões ou encargos para isso ou para aquilo. As próprias Tradições delineiam as bases gerais com que podemos melhor conduzir os nossos serviços; elas expressam os princípios e as atividades de prudência que levam à harmonia.

Costumamos dizer que o A. A. é a única ORGANIZAÇÃO, onde ninguém manda e todos obedecem, e nesta Tradição Bill W. diz que: "Sofrimento e Amor são os disciplinadores em A. A." Por aí podemos já diferenciar entre o espírito de autoridade e o espírito de servir, lembrando que o objetivo de nossos serviços é colocar a sobriedade ao alcance de todos que a desejarem.

Gostaria de deixar aqui o meu agradecimento aos companheiros que fizeram acontecer este evento e a oportunidade de poder estar participando, e para finalizar, lembrar as últimas palavras de Bill W., quando encerrou Os Doze Conceitos:

"A soma dessas diversas atitudes e práticas é, no nosso modo de ver, a própria essência de democracia em ação e espírito. Liberdade abaixo de DEUS para crescermos à Sua imagem será sempre a meta de Alcoólicos Anônimos".

Vinte e quatro horas de Sobriedade,

* Ciclo das Doze Tradições - outubro de 2003 - Leopoldina – MG

DÉCIMA TRADIÇÃO "

João Torres — Viçosa — MG

"Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias à Irmandade; portanto, o nome de A. A. jamais deverá aparecer em controvérsias públicas."

Desde 1953, quando foi editada pela primeira vez as Doze Tradições de Alcoólicos, este princípio afirmado de maneira tão categórica, mais do que nunca se mostrou tão oportuno. A sedução que a publicidade e a mídia exercem sobre as pessoas que querem emergir do anonimato das massas, parece colocar em risco este postulado que tem resguardado a identidade e a eficiência de A. A.

Tendo em vista este desafio, nos permitimos fazer as considerações seguintes.

No texto da Décima Tradição de A. A. constatamos que os conflitos dentro da nossa Irmandade são formas de atividade vital. Em uma comunidade tão livre e

dinâmica como A. A., é natural que existam choques de opinião e pontos de vista discordantes, passíveis de ajustamentos e concórdia, graças ao nosso ânimo fraternal presente em nossas reuniões de serviço. Nesse aspecto, manifesta-se a consciência coletiva que tem a função de esclarecer equívocos e desfazer possíveis intrigas. É lavar roupa suja em casa.

A Décima Tradição de A. A. complementa e especifica a Sexta Tradição, que é determinante a respeito da extrapolação de atividades que possam expor Alcoólicos Anônimos às controvérsias pública, bastando, para isso, um confronto comparativo de seus textos.

Um dos possíveis riscos que Alcoólicos Anônimos podem correr, comprometendo sua reputação e eficiência, é abordagem da política partidária. Não são poucos os companheiros e políticos profissionais que tentam usar o nome de A. A. em proveito próprio. Enganam-se quanto ao prestígio que possam usufruir junto ao eleitorado. Da mesma forma, é fatal para um grupo de A. A. o ingresso livre das paixões partidárias em suas atividades. Esfacelam-se os grupos e surgem inimizades profundas, porque isso representa a exacerbação do Ego e a radicalização do orgulho e da prepotência. Há grupos que entram em crise ou desaparecem quando recebem favores — doações, subvenções, etc. — em paga de sucesso eleitoral.

Não menos prejudicial aos grupos de A. A. é o engajamento em campanhas públicas beneficentes, caritativas, promovidas pelo poder público, entidades religiosas ou filantrópicas, mesmo que tenham por objetivos o combate ao alcoolismo. Da mesma forma, deve o A. A. manter-se previdente em debates de profissionais e especialistas da área da saúde que estejam tratando do alcoolismo, evitando debates públicos ou através da mídia. Deve-se abster de fornecer dados estatísticos e informações sobre membros do A. A. Lembremo-nos de que A. A. não é entidade de utilidade pública e nem repartição pública.

Jamais patrocinar propaganda a respeito do próprio A. A. ou campanhas de fins lucrativos, mesmo que isso resulte em proveito de A. A. Não se pode deixar de mencionar os desserviços prestados por alguns líderes de facções religiosas que procuram dissuadir a permanência de companheiros na programação de A. A.,

afirmando que basta ter fé nos textos religiosos para se manter abstêmio ou moderado na bebida. Certamente se esquecem de que a fé dissociada da ação é fé morta. Existem, além de A. A., diversas instituições leigas ou religiosas que se ocupam da superação das dependências, sobretudo do alcoolismo, que afirmam pontos de vista diferentes da nossa programação, chegando alguns a nos recriminar. Não faríamos progresso algum, em relação à recuperação dos alcoólicos, se entrássemos em controvérsia com eles. Convém assinalar que nossos grupos devem funcionar em ambiente de respeito e observância dos bons costumes, evitando procedimentos que provoquem a execração pública.

Convém examinar o que o texto da Décima Tradição comenta a respeito do destino dos grupos "Washingtonianos", que se envolveram em questões políticas e se desgastaram até seu desaparecimento.

* Cicio das Doze Tradições - outubro de 2003 - Leopoldina – MG

" DÉCIMA PRIMEIRA TRADIÇÃO "

Icléia - Belo Horizonte – MG

"Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes."

Vejo nesta tradição dois aspectos básicos: o primeiro, de caráter prático; o segundo, ao perfil psicológico de nós alcoólicos.

Antes de vermos os aspectos práticos, devo passar pelo psicológico rapidamente (pois não possuo formação acadêmica) e que pode esclarecer a necessidade do anonimato no seu caráter estrutural. Podemos, então, ler na página 164, no final do primeiro parágrafo, no livro OS DOZE PASSOS E AS DOZE TRADIÇÕES o seguinte:

..."Por temperamento, quase todos nós tínhamos sido irrefreáveis promotores e as perspectivas de uma sociedade composta quase exclusivamente de promotores

eram das mais assustadoras. Levando em conta esse fator explosivo, sabíamos que precisávamos de moderação..."

Concluí daí que Bill W. se referiu a estrutura dos alcoólicos como seres promotores explosivos. E este é um aspecto psicológico inadequado que já havia deixado seu resultado negativo no grupo Washingtoniano, que se manteve por apenas sete anos. O fato se deu porque inexperientes cometeram a falha que resultou posteriormente em norma de atitude imprescindível e vital para a nossa sobriedade. Precisamos também oferecer segurança e garantia aos recém-chegados, tanto quanto para nós que já trilhamos o caminho da programação de Alcoólicos Anônimos. Precisamos zelar pela unidade da Irmandade. Esta atitude reflexa se faz presente na utilidade real e honesta do Anonimato.

Eles, os Washingtonianos, não tiveram este zelo por suas privacidades. Desprotegidos por isto, a imunidade à indiscrição alheia não se instalou colocando suas vidas nas mãos do domínio público, lhes trazendo o fracasso e dissolução do grupo.

Mas o que significa exatamente Anonimato para nós alcoólatras, com base na Décima Primeira Tradição? Significa que devemos conter nossa tendência explosiva de promoção, assumindo uma identidade atrativa na prática e exemplificação das propostas sugeridas nos Legados de Alcoólicos Anônimos.

Para exemplificar esta pequena abordagem de caráter psicológico, podemos rever histórias como a de Bill W. , quando na iminência de se expor na capa da revista Time, foi contido por seu amigo Dr. Bob. Por que foi contido? Naquele momento, o aspecto da vaidade que transitava no íntimo de Bill estava sendo maior que a real necessidade de sua recuperação assentado na humildade.

Não é novidade que corremos o risco de nos inflarmos com tudo que possamos sentir, quando dos primeiros passos no caminho em A. A., gostaríamos muito de gritar aos quatro ventos nossa imatura conquista dentro de algumas 24 horas.

Desta forma, fica claro na trajetória da história de A. A., o quanto é arriscado cedermos aos impulsos de promoção, sejam eles de qualquer cunho.

A atração, como é sugerida, tem uma conotação delicada, sutil. Me faz lembrar uma grande passagem do Livro do Cristo que diz: " Resplandeça a vossa luz. Mas veja que essa luz não sejam trevas ."

A luz que nós A. As precisamos resplandecer, para não ofuscar a verdadeira direção dos olhos dos que ainda sofrem e que estão do lado de fora da Irmandade, é de um comportamento responsável, de acordo com a pureza da mensagem a que nos propomos seguir e passar.

É vivenciar sobriedade e irradiá-la com humildade; com recato, diria.

Após nos assentarmos com serenidade neste comportamento e entendê-lo na intimidade de nosso ser, fica clara a questão prática da Décima Primeira Tradição, quando somos aconselhados a nos mantermos longe dos holofotes da mídia, tais: televisão, revistas, jornais, filmes e Internet; este comportamento nos dá a consciência de nosso exato tamanho: "nem anões nem gigantes".

Precisamos ser fontes onde possam encontrar alimento para tantos. E por isso, devemos atuar no remanso de nós mesmos.

E nas trocas externas, como ímã que traz para si o semelhante, contendo-o com segurança. Daí entendermos privacidade, que não é prisão em nós mesmos. Ao contrário, é liberdade de atuarmos na vida num todo com preservação, que é a proposta do Programa, conquistando e trazendo de forma confiável; o interesse de muitos, com responsabilidade e naturalidade; também o interesse da imprensa, de médicos, psicólogos, clérigos, familiares e de outros que se identifiquem ou achem acertado levar e indicar honestamente aos que precisam e ao mundo a Mensagem de Alcoólicos Anônimos, com respaldo em seus membros que podem e devem manter-se anônimos principalmente às questões menos nobres do materialismo.

Hoje contamos com algum respeito e entendimento da imprensa (como se vê na revista Carta Capital de 27/0812003, na reportagem "A Salvação pelo Anonimato") quando a mesma - ainda que se leiam significativos questionamentos, há o cuidado quanto ao anonimato, ao se fazerem inevitavelmente "divulgadores" da

nossa Irmandade, por já estarem se conscientizando de que A. A. possui um papel singular em várias sociedades e culturas.

A exemplo desta trajetória de atos, constatações, acertos e ganhos... vamos encontrar em outra atitude de Bill o reflexo de seu amadurecimento, em específico ao anonimato: Em 1954, Bill W. recusou o título de "Honoris Causa de Doutor em Leis" que certa Universidade lhe ofereceu. Bill não aceitou, entendendo que equivaleria inevitavelmente em quebra de anonimato, se expondo às atenções públicas. Vale lembrar que tantos violadores das Tradições de A. A. quase nunca permanecem na Irmandade.

Desta forma, ficou uma herança enriquecedora quanto a um dos Sete Pecados Capitais - o orgulho - que vem a ser a terrível consciência do que queremos parecer o que não somos e cheios de empáfia, nossa alma trafega em frágeis muletas. E é certo que não podemos nos dar ao luxo de experimentarmos as muletas da promoção. Cairemos na certa.

Frei Betto, neste mesmo artigo, acrescenta: "Recolher-se ao silêncio interior é sempre um excelente ponto de partida. Para quem nunca fez esta viagem, a partida assusta, e a paisagem exterior tenta-nos a abandonar o trem".

Mas a verdade é que embarcamos neste trem, começamos a conhecer os percursos, e um deles sintetiza-se numa das máximas explícitas na Décima Primeira Tradição: "Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes."

Tem significado prático para atração em vez da promoção? É claro que sim. Efetivamente devemos levar a vida em A. A. tão sumamente atrativa, que é para que os alcoólicos, antes de se disporem a beber novamente, observem em nós... É nosso dever tratar de fazer com que Alcoólicos Anônimos pareça mais atraente.

Em nossas reuniões de A. A. somos confidentes, e para que haja confiança é preciso que o confidente e o confiado convivam os confidenciados, que no nosso

caso, além das vicissitudes do alcoolismo, passamos inevitavelmente por outros aspectos de nossas vidas. Desta intimidade deve ficar o respeito, a cerimônia, o conter-se ao público tanto do que é nosso quanto o é do outro e que nos foi confiado. Daí, obediência ao Anonimato, pois estamos envolvidos com algo que se amplia, e que precisa seguir às sugestões que preservem nossas vidas, fortalecendo a credibilidade de Alcoólicos Anônimos. Nos relatarmos sem critérios, corremos o risco de delatarmos nossas vidas, incorrendo possivelmente na quebra da Unidade de nossos grupos e — quem sabe? — na do equilíbrio da Irmandade. Não que devemos ter vergonha ou medo de pertencermos a Alcoólicos Anônimos, mas a realidade prática do nosso anonimato acrescenta em segurança não só quanto o que transita na nossa vida paralela interagida aos Princípios de A. A. como também o que trocamos o que colhemos e guardamos para nossa reestruturação como cidadãos. A obra é maior que os próprios cofundadores, quanto mais a mim. A obra já está pronta, ela não é nossa. E a relação íntima privada e a relação com o público devem ser corretas ao extremo, porque disso resulta a salvação de vidas, inclusive a minha.

* Ciclo das Doze Tradições - outubro de 2003 - Leopoldina – MG

" DÉCIMA SEGUNDA TRADIÇÃO "

Rachel - Belo Horizonte - MG

"O anonimato é o alicerce espiritual das nossas tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades."

Ao final de sua vida, Bill W. se encontrava muitíssimo satisfeito com a irmandade da qual se tornara cofundador. Dessa forma, em sua última mensagem aos amigos membros de A. A., assim se expressou, com muita sabedoria e autoridade:

'Meus pensamentos hoje em dia estão cheios de gratidão para com a nossa Associação pelo sem-número de bondades que a Graça de Deus nos tem dado.

"Se me perguntassem qual dessas bondades era responsável pelo nosso crescimento como Associação e a mais vital para a nossa continuidade, eu diria: é o Conceito do Anonimato".

Encontro nesta mensagem a primeira explicação para a afirmação de que o anonimato é o alicerce das nossas tradições: ele é essencial tanto para a minha continuidade no meu grupo como para o nosso crescimento. Do ponto de vista prático, significa que ele é vital para a minha sobriedade e é, ao mesmo tempo, um bom e seguro avalista para que haja aceitação da mensagem de A. A. por partes daqueles que dela necessitam. Devido ao anonimato, o A. A. é seguro para quem chega e fundamental para todos.

Mais adiante, nessa mesma carta, depois de explicar que o anonimato tem dois atributos essenciais para a nossa sobrevivência individual e coletiva — o prático e o espiritual — Bill W. nos deixou a seguinte recomendação (que é também uma advertência):

"Enquanto aceitarmos nossa sobriedade em nosso tradicional espírito de anonimato continuaremos recebendo as graças de Deus."

Tal advertência me permite descobrir, em seguida, a outra explicação para o anonimato em nossas tradições: ao mesmo tempo em que ele alimenta a minha sobriedade, ele possibilita que eu seja alimentada por uma Graça Divina, nisso consistindo o seu atributo espiritual. Todavia, tal experiência extraordinária somente acontecerá comigo se eu conseguir conferir ao meu anonimato um profundo e verdadeiro sentimento de humildade, essa virtude que me tornará, pela fé, beneficiária das Graças de um Deus amantíssimo que me fez chegar até aqui.

Devo acreditar, pois, que a verdadeira compreensão dos atributos do anonimato somente poderá ser experimentada após muita disciplina individual e coletiva, ou seja, através de constantes reflexões, estudos e exercícios em grupo e fora dele, pois é somente pela disciplina que se chega à sabedoria — conforme nos ensinam os povos orientais. Assim sendo, se o meu anonimato prático visa à proteção individual e coletiva dos membros de minha comunidade, o meu

anonimato espiritual abrirá a minha mente à ação renovadora do meu Poder Superior, a partir do momento em que, pela minha disciplina e prática de reflexões, meditações e preces, começo a vivenciar atitudes de fé e de humildade.

Ora, a disciplina que A. A. me propõe neste ponto é a constante colocação dos princípios espirituais acima da minha personalidade, ou seja, acima das minhas vaidades e dos meus interesses pessoais. Nesse sentido, enquanto princípio disciplinador, o anonimato é compreendido como um sacrifício que realizo em face dos meus impulsos egoístas, servindo para anulá-los e transformá-los em pura energia ou virtudes enraizadas na minha mente, a ponto de eu não desejar qualquer elevação do meu ego; e também a ponto de não confundir a humildade com sentimentos de inferioridade, culpa e depressão. Sobre isso, Bill \N. me ensina que não posso, enquanto pessoa humana, alcançar a humildade absoluta me contentando em buscar a "Humildade para hoje", evitando o pântano das culpas e a terra ilusória do orgulho, para o quê é permanentemente necessário realizar o meu inventário pessoal constante, revelador do meu caminho, que outro não é senão uma posição segura entre esses dois extremos emocionais exagerados.

Um amigo me relatou o seguinte episódio: o seu neto, por volta dos seus oito anos, foi jogar futebol com os colegas. Como era goleiro, coube a ele tirar o "par ou ímpar" e escolher o seu time que, ao final da partida, tomou uma tremenda goleada. O avô, que assistira tudo, comentou depois com o neto que a culpa da derrota era dele, pois, ao ganhar o "par ou ímpar" e o direito de escolher o melhor jogador da turma, não fez isso. Ao contrário, escolheu o pior jogador que, além de tudo, era aleijado (o menino tinha defeitos físicos numa das pernas e no braço). O seu neto então lhe deu a seguinte resposta: - Ora, vô, o Wlad é meu melhor amigo! Você acha que eu iria deixar de escolher o meu amigo em primeiro lugar? Por alguma razão interior, aquele menino já adquirira um valor que seu avô, aos cinquenta anos, ainda não aprendera: colocar o princípio da fidelidade acima das disputas; acima do seu orgulho e da sua ambição! Enfim, acima da personalidade!

Que princípios espirituais são esses que devo elevar acima dos meus interesses

egoístas e que me revelarão um caminho seguro? São, logicamente, os nossos 36 (trinta e seis) princípios: Os Doze Passos, As Doze Tradições e Os Doze Conceitos, de modo específico. Mas, genericamente, em todo e qualquer lugar, serão também todas aquelas verdades superiores de inspiração ética, moral, filosófica, humanitária, fraternal, etc., que me haverão de ser apresentadas pela minha consciência, através do inventário pessoal de cada instante. Tanto os 36 (trinta e seis) princípios quanto todas essas verdades me levarão a um único lugar: o "amor ao próximo". Assim, desde que minha mente esteja aberta e livre e o meu juízo não esteja se embebedando de prepotência e orgulho ou se afogando em culpas, ressentimentos e depressões funestas, sempre haverá, na minha consciência, espaço para as inspirações espirituais emanadas de um Poder Superior zeloso e cuidadoso! Nisto eu ponho a minha fé!

A fé auxiliadora do meu anonimato espiritual e da minha humildade para hoje é muito mais do que uma "muleta vantajosa" que me ajudaria somente nas etapas difíceis; e é muito mais do que "uma providência de última hora". "A fé verdadeira consiste em auscultar e perceber as verdadeiras intenções de Deus em nós, e é, acima de tudo, o discernimento de que tudo esta absolutamente certa."

A humildade que a A. A. me sugere pelo anonimato espiritual servirá para que eu encontre o meu verdadeiro lugar no universo de mim mesma e em tudo. Essa me parece ser a grande proposta deste princípio. (Lembram-se da parábola do lugar à mesa?... "Quando fordes convidados para bodas, não tomeis nela o primeiro lugar!"). Portanto, a humildade para hoje resultará também dessa atitude de auscultar e de perceber, porém agora dirigida para a percepção real das coisas e dos princípios pelos quais tudo se organiza.

Assim devo observar que tudo que está no universo das coisas naturais se organiza através de opostos. Para cada coisa que existe, há o seu polo oposto. Há o homem e a mulher; há o mundo interior e o exterior; há o lado direito e o lado esquerdo; há a luz e a sombra; há a doença e a saúde, etc. A soma de todos os opostos, porém, é que forma o "todo" e o "todo" nada mais é do que a "unidade". No entanto, dificilmente eu sei lidar com os polos opostos à minha percepção das coisas. Dificilmente eu consigo alcançar a unidade que está na ordem universal e está em Deus! Entretanto, se eu não puder me situar nessa unidade e nessa

ordem, jamais estarei sossegada e feliz!

Cabe-me, pois, compreender os opostos tanto do meu mundo exterior quanto do meu "eu interior" para encontrar a energia da unidade. Eu careço, pois, de estabelecer a unidade dentro e fora de mim, pelo autoconhecimento, pela disciplina diária, pela busca de ajuda, de estudos e, sobretudo, pela humildade e pelo "amor ao próximo". Eu farei isso, colocando os princípios espirituais acima das personalidades.

Ora, os legados de A. A. me permitem alcançar os tesouros da unidade, da recuperação e dos serviços, desde que eu admita a humildade da busca, da compreensão, da tolerância e da perseverança neste caminho! Se tudo no universo se organiza magistralmente, eu tenho um lugar certo para ocupar com responsabilidade, generosidade e desprendimento na minha família, no meu grupo, na minha localidade e no meio em que vivo e trabalho. Em qualquer dessas situações, a minha atitude de humildade não significará jamais rebaixamento e humilhação. Significará, antes, respeito e apreço pela presença do outro, sabendo que cada pessoa também tem o seu lugar nessa unidade que estou buscando para mim, ainda que tal pessoa seja, momentaneamente, o meu opositor ou a representação de ideias opostas às minhas!

A serenidade sugerida em A. A. é, pois, essa capacidade de auscultar Deus e o universo, em prece e meditação, procurando humildemente o meu lugar, despojando-me da imaginação fantasiosa e da ótica mental distorcida que caracterizaram o meu passado.

Encontrar o meu lugar, não significa mais buscar os primeiros lugares, mas é tão somente perceber que a minha existência plena e útil é uma responsabilidade somente minha! Compete a mim edificá-la, a um dia de cada vez!

Se descubro, pois, que o meu lugar é em A. A., cabe-me apenas ser um membro em sua plenitude e simplicidade, sabendo que A. A. não precisa de mim nem como chefe e nem como trapo, e que A.A. não é uma agência promotora de meus anseios mundanos e sociais, tais como emprego, entretenimento e ajustamento entre casais. Quem encontra o seu lugar respeita invariavelmente o

lugar dos outros, pois divisa a sua própria fronteira e, conseqüentemente, não ultrapassa os limites dos outros, colocando em prática o "amor ao próximo". Da mesma forma, quem respeita o seu anonimato e nele encontra valores práticos e espirituais, respeita o anonimato dos demais, possibilitando-lhes o crescimento e a continuidade de seus bons propósitos no grupo.

A Décima Segunda Tradição me faia, pois, desse propósito: buscar de forma responsável o meu lugar, despojando-me dos meus enganos e fantasias, agindo sempre com simplicidade lúcida e autêntica humildade.

* Fontes:

1. A Última Mensagem de Bill. 2. Os Doze Passos e as Doze Tradições. 3. O Melhor de Bill. Extraído do Grapevine. 4. "Renovando Atitudes" — Francisco do Espírito Santo Neto. SN Editora.

* Ciclo das Doze Tradições - outubro 2003 - Leopoldina - MG